



# A Universidade aberta à Terceira Idade

Sebastião Ferreira, aluno do projeto, na horta de sua casa

Sebastião Ferreira começou a trabalhar no campo cedo, aos 5 anos. A sorte não mudou na cidade, aos 15 anos, já órfão de pai. Sem oportunidades para estudar, trabalhou cuidando de granjas, como servente de pedreiro e, finalmente, como servente em um colégio – onde cursou o ginásio.

Os anos seguintes não seriam muito mais fáceis: Sebastião enfrentou o preconceito, o alcoolismo e o desemprego. Após passar por um programa de recuperação, deixou a bebida. Aposentou-se em 1993 como escriturário da Prefeitura.

Aposentado, não parou: trabalha como voluntário, dando palestras em penitenciárias, na Febem e em escolas, contando sua história de vida e de luta. Cultiva uma horta no quintal de sua casa, em Cotia. E é aluno do projeto *A Universidade Aberta à Terceira Idade*, que lhe deu a oportunidade de frequentar aulas na Universidade de São Paulo.

O projeto foi oferecido pela primeira vez em 1994 e tem procura crescente. Já atendeu a

mais de 12 mil alunos nos *campi* da capital e do interior, com disciplinas regulares dos cursos e graduação e atividades complementares didático-culturais e físico-esportivas.

A *Universidade aberta à Terceira Idade* tem como objetivos integrar a pessoa idosa à comunidade acadêmica e trazer ao jovem estudante a experiência do idoso, ampliando o papel social da Universidade, que se torna um elo de ligação entre este e as instituições e os serviços a ele voltados.

Para participar, é necessário ter idade mínima de 60 anos (classificação de terceira idade estabelecida pela ONU e pela Unesco). Mais informações podem ser encontradas no site [www.usp.br/prc](http://www.usp.br/prc), ou pelo telefone (11) 3091-3348. As inscrições são realizadas semestralmente.

A coordenação acadêmica do projeto *A Universidade aberta à Terceira Idade* é realizada por Ecléa Bosi, professora do Instituto de Psicologia da USP, que também participa do projeto recebendo em suas aulas de graduação alunos da terceira idade.



# Alunos do projeto são exemplos para jovens

**Calendário** – Como a sra. vê a importância desse projeto oferecido pela USP para que pessoas da terceira idade participem de aulas da universidade?

**Prof. Ecléa Bosi** – Isso é muito importante porque São Paulo é uma cidade de trabalho, e *A Universidade aberta à terceira idade* recebe justamente os velhos trabalhadores de São Paulo. A cidade estará assim devolvendo a eles um pouco daquilo a que sempre tiveram direito e não conseguiram. Nós estamos pagando, embora tardiamente, uma dívida social para com essas pessoas que construíram a nossa cidade.

**Calendário** – Quem participa do projeto *A Universidade aberta à terceira idade*?

**Ecléa Bosi** – O projeto trouxe uma grande variedade de alunos. Nós recebemos alunos que fizeram a universidade, de grande cultura, mas que escolhem cursos diferentes daqueles nos quais se diplomaram, porque é uma vocação da terceira idade escolher com liberdade o seu caminho. Mas nós também temos alunos que nunca tiveram a oportunidade de estudar – e eu sempre digo, e repito, que eles são a glória do curso. E são alunos que vieram de estratos da população muito humildes e que tiveram uma vida de muito trabalho, uma vida de exclusão e marginalidade, e conseguiram na maturidade realizar o velho sonho de estudar, que não lhes foi concedido durante a infância e a juventude. São muito bem-vindos ao projeto.

**Calendário** – O catálogo *A Universidade aberta à terceira idade* deste semestre foi ilustrado com a história e imagens de Sebastião Ferreira, um dos alunos do projeto. O que motivou essa escolha?

**Ecléa Bosi** – Ele foi escolhido porque foi meu aluno na graduação de psicologia e um certo dia ele se levantou na classe e contou brevemente para os

alunos como havia decorrido sua vida, todas as dificuldades por que passou. Tudo isso está relatado na apresentação do programa. Essa narrativa autobiográfica do sr. Sebastião impressionou muito a classe, mostrando com quais dificuldades uma pessoa como ele pôde vencer os preconceitos, o estigma da cor, o estigma da miséria, o fato de ter vivido na roça, sendo filho de camponeses sem-terra, até chegar à universidade. E isso é um exemplo para todos nós, mas principalmente para os alunos.

**Calendário** – Como é o relacionamento entre os alunos da terceira idade e os alunos dos cursos da Universidade?

**Ecléa Bosi** – A princípio há uma situação de estranhamento. Os próprios alunos do projeto se aproximam da sala de aula com muita timidez, receando entrar na classe. Depois há um lento entrosamento com os jovens e eles acabam fazendo seminários, provas e trabalhos do semestre juntos, e é proveitoso para todos. Mas eu acho que é mais proveitoso ainda para os jovens, pois eles aprendem o que é ter uma biografia, um passado, ter vivido uma experiência que é completamente diferente da deles. Esses idosos não recebem os livros de presente de alguém, nem compram com dinheiro de mesada, eles tiram de suas aposentadorias, que já são minguadas, uma importância para poder comprá-los, o que é um exemplo extraordinário para a classe.



A professora Ecléa Bosi é a coordenadora acadêmica do projeto

**Calendário** – As unidades estão prontas para receber a terceira idade? O que tem sido feito e o que ainda é necessário fazer para atingir esse objetivo?

**Ecléa Bosi** – O *campus* da Cidade Universitária é muito grande e os idosos às vezes se perdem porque as Unidades estão espacialmente dispersas. Eles enfrentam, sobretudo, o problema do transporte, tendo que utilizar duas ou três conduções para atravessar uma cidade difícil como São Paulo. Isso me parece um grande problema que advém de uma situação econômica precária. Mas, me parece que o acolhimento informal por parte dos docentes e dos alunos tem sido muito caloroso.

**Calendário** – Que contribuições as pessoas que participam do projeto trazem para a Universidade?

**Ecléa Bosi** – Eles trazem aquilo que os alunos não têm: seu passado e uma densidade biográfica característicos da terceira idade, isto é, uma biografia rica de experiências humanas, e também de experiências políticas. Eles viveram situações históricas – atravessaram a ditadura, por exemplo – que os alunos desconhecem.